zISSN: 2358-8829

GEOGRAFIA, GÊNERO E VIOLÊNCIA: O ESPAÇO E OS ARTEFATOS CULTURAIS COMO CAMINHOS PARA O ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES

Jannekelly das Neves Crispim [1]
Charmonny Augusto Lopes da Silva [2]
Josenilda Oliveira da Silva [3]
Érica Jaqueline Soares Pinto [4]

INTRODUÇÃO

A análise do espaço geográfico a partir das relações de gênero é fundamental para compreender as desigualdades sociais que marcam a vida das mulheres. Sabe-se que o espaço geográfico não se limita aos aspectos físicos, sendo também constituído por dimensões sociais, culturais e simbólicas que influenciam diretamente a maneira como os sujeitos vivenciam e se relacionam com o cotidiano. O espaço não é neutro, mas resultado das relações sociais e das relações de poder estabelecidas entre os sujeitos. Neste sentido, às relações sociais participam da produção do espaço, de modo que diferentes sujeitos podem vivenciá-lo e ocupá-lo de maneiras diferentes (Reis, 2015).

De acordo com Reis (2015), às relações de gênero são estruturantes na produção do espaço geográfico, uma vez que influenciam diretamente a forma como homens e mulheres vivem, circulam e ocupam os diferentes lugares, como a distinção entre espaços considerados “seguros” e “inseguros” para as mulheres, bem como a limitação de sua presença e circulação em determinados ambientes.

Entre as manifestações das desigualdades produzidas pelas relações de gênero e pelas relações de poder, destaca-se a violência contra as mulheres. Essa violência não se restringe a uma única forma ou espaço de ocorrência, podendo estar presente nas relações familiares, nos espaços domésticos e em diferentes ambientes sociais.

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

Compreender a violência contra as mulheres também implica considerar as dimensões espaciais e sociais que atravessam essas experiências, evidenciando a importância de abordar essa problemática no ensino de Geografia.

Sabe-se que a Geografia contribui para a discussão sobre o espaço geográfico, ao refletir sobre questões socioculturais que atravessam o cotidiano das pessoas: as desigualdades de gênero e as violências contra as mulheres, por exemplo. Discutir essas temáticas possibilita ampliar a compreensão dos estudantes acerca das relações entre gênero, espaço e poder. Conforme Macedo, Oliveira e Silva (2020), o uso de recursos culturais para discutir conteúdos sociais mostra-se uma estratégia interessante no ensino de Geografia. São exemplos disso as músicas, que possibilitam problematizar vivências, denúncias e formas de resistência relacionadas às desigualdades de gênero.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre gênero, espaço e violência contra as mulheres a partir das músicas “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares, e “Triste, Louca ou Má”, de Francisco, el Hombre, discutindo suas possibilidades como recursos pedagógicos culturais para o ensino de Geografia.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e toma como corpus de análise das músicas “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares; e “Triste, Louca ou Má”, de Francisco, el Hombre. As músicas foram analisadas a partir de categorias temáticas definidas com base nos elementos identificados nas letras, tais quais: violência contra as mulheres, relações de gênero, resistencia e autonomia feminina, considerando as contribuiçoes de Geografia Feminista e dos Estudos de Gênero.

Além da introdução, o artigo está organizado em duas partes principais. Na primeira, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Na segunda, são desenvolvidos os resultados e as discussões, contemplando a análise das músicas “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares, e “Triste, Louca ou Má”, de Francisco, el Hombre, com enfoque nas relações de gênero, na violência contra as mulheres, na autonomia feminina e nas relações entre gênero e espaço geográfico, como também nas possibilidades de utilização dessas produções musicais como recursos

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

pedagógicos. Por fim, nas considerações finais, são retomadas as principais reflexões desenvolvidas ao longo do estudo.

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM "MARIA DA VILA MATILDE"

A música "Maria da Vila Matilde", composta por Douglas Germano e eternizada pela voz e interpretação de Elza Soares, apresenta uma narrativa marcada pela violência doméstica e pela reação de uma mulher que decide romper com o silêncio. A personagem Maria reconhece a agressão sofrida, busca ajuda e estabelece limites diante do agressor. Ao apresentar uma situação de violência vivenciada por Maria, a canção possibilita uma reflexão que ultrapassa a narrativa musical e se aproxima de questões presentes no cotidiano, evidenciando um problema social.

Como diz Paulo Freire (1989), a leitura do mundo está relacionada às experiências concretas dos sujeitos e às relações que estabelecem com a realidade e nesse sentido, a música pode ser um recurso cultural capaz de expressar experiências sociais e possibilitar diferentes formas de leitura desta realidade, ao problematizar relações de poder, desigualdades e experiências sociais por meio da linguagem artística.

O uso de músicas, filmes e documentários como recursos no ensino de Geografia são ferramentas potentes para aproximar os estudantes aos conteúdos socioespaciais Medeiros; Marcato; Fagundes, (2021). Essa proposta também dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), que destaca, entre as competências específicas de Geografia, o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico para compreender a ocupação e a produção do espaço, bem como o uso de diferentes linguagens para interpretar informações e situações geográficas. A BNCC também ressalta a construção de argumentos e o respeito ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza. Dessa forma, a análise de Maria da Vila Matilde pode contribuir para uma leitura crítica do espaço geográfico, permitindo discutir as relações sociais e de gênero que nele se estabelecem e como essas relações interferem nas experiências das mulheres em diferentes lugares.

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

Logo no início, Maria afirma: “Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180”. O telefone, nesse contexto, deixa de ser apenas um objeto cotidiano e passa a representar a possibilidade de comunicação, denúncia e proteção. O número 180 corresponde à Central de Atendimento à Mulher, serviço destinado a orientar e encaminhar situações relacionadas à violência contra as mulheres. Ao decidir utilizá-lo, a personagem transforma uma experiência privada em uma questão pública e institucional, pondo em evidência que a violência doméstica é também um problema social mais amplo.

Sob a perspectiva do ensino de geografia, essa situação também permite questionar se todas as mulheres possuem as mesmas condições de acesso à informação, aos serviços de atendimento e às instituições de proteção, considerando as desigualdades existentes entre diferentes territórios. A situação apresentada na música está relacionada a uma realidade social que envolve diferentes formas de violência contra as mulheres. Ao abordar essa temática, torna-se possível compreender que a violência não se limita ao espaço doméstico, mas está relacionada às desigualdades sociais e às relações de poder que se manifestam nos diferentes espaços da sociedade.

A canção também evidencia a proximidade entre vítima e agressor, demonstrando uma possível convivência familiar ou relacional. Quando Maria afirma que irá “entregar teu nome” e “explicar meu endereço”, demonstra que pretende identificar o agressor e denunciar a violência sofrida. Essa proximidade pode dificultar o rompimento com a situação de violência, especialmente quando estão presentes o medo, a dependência financeira, as ameaças ou a ausência de apoio. Dados do Instituto de pesquisa DataSenado (2023) mostram a presença significativa de parceiros íntimos entre os autores das agressões: em 2023, 52% das mulheres que relataram violência doméstica ou familiar provocada por um homem apontaram o marido ou companheiro como agressor, enquanto 15% indicaram ex-marido, ex-companheiro ou ex-namorado.

A violência física aparece no trecho em que Maria menciona que o agressor “levanta a mão” contra ela. A expressão torna visível uma situação que poderia permanecer escondida no ambiente doméstico. Entretanto, a violência não se limita às agressões corporais e também pode envolver humilhações, insultos, ameaças, controle, perseguição, isolamento social e destruição de objetos pessoais. A Lei Maria da Penha

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

(Lei nº 11.340/2006), em seu artigo 7º, reconhece cinco formas de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Em 2026, a Lei nº 15.384 também passou a prever a violência vicária na legislação brasileira.

A partir do ensino de Geografia, essa temática deve ser problematizada em sala de aula, considerando que a violência contra as mulheres é um fato presente no espaço vivido que influencia a maneira como as mulheres ocupam o espaço geográfico. O espaço doméstico, por exemplo, não deve ser entendido apenas como um local físico, mas como um local constituído por relações sociais Santos, (1996). A casa pode assumir diferentes significados conforme as experiências daqueles que a ocupam, desde proteção até ao medo e violência. Essa relação entre violência e espaço também se evidencia nas mudanças que a agressão pode provocar na vida cotidiana das mulheres afetando suas relações com os lugares que frequentam e suas possibilidades de viver com segurança e autonomia.

Apesar das marcas deixadas pela agressão, Maria não é representada apenas como vítima. Sua reação aparece com força no trecho “Aqui você não entra mais”. A frase estabelece um limite e demonstra a decisão de interromper a presença do agressor em sua vida. Ao reivindicar o controle sobre o próprio espaço em que vive, a personagem afirma sua autonomia e questiona uma relação marcada pela violência. A casa, nesse momento, deixa de ser somente o local em que a agressão ocorreu e passa a representar um espaço cuja ocupação e acesso Maria deseja redefinir.

A escolha do nome “Maria” amplia o significado da narrativa. Embora a música apresente uma personagem específica, seu nome pode representar muitas mulheres que enfrentam situações semelhantes. Já a referência à Vila Matilde aproxima a canção do cotidiano urbano e situa a narrativa em um lugar concreto. A violência, entretanto, não se restringe a um determinado bairro ou contexto, podendo atingir mulheres em diferentes condições sociais, econômicas e territoriais. O que mostra a importância de trabalhar com esse recurso cultural para tratar de temáticas como bairro, cidade, violência.

De acordo com Doreen Massey (2008), o espaço é constituído pelas inter-relações sociais e não pode ser compreendido como algo fixo, neutro ou separado das

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

experiências e das relações de poder. As relações de gênero também participam dessa produção espacial, influenciando as experiências e as formas de ocupação dos lugares. Nesse sentido, a experiência de Maria permite perceber que a violência pode interferir não apenas em sua permanência dentro de casa, mas também em sua circulação, autonomia e relação com outros espaços do cotidiano. Assim, o espaço geográfico não é apenas o cenário onde a violência acontece, mas participa de sua produção por meio das relações sociais que podem limitar ou ampliar as possibilidades de ação dos sujeitos

A escolha da música como objeto de análise permite, assim, observar como uma manifestação cultural pode tornar visíveis experiências sociais e provocar reflexões sobre problemas que fazem parte da realidade. Essa realidade dialoga com a Geografia Feminista, pois demonstra que as experiências espaciais não são iguais para todos os grupos sociais e que as relações de gênero influenciam as possibilidades de deslocamento, permanência e apropriação dos lugares (Reis, 2015).

Ao longo da canção, a postura de Maria evidencia o enfrentamento de uma situação marcada pela tentativa de controle e intimidação. Sua fala expressa a reivindicação de autonomia e do direito de estabelecer limites, mostrando que a violência doméstica também envolve disputas sobre quem pode decidir, permanecer e exercer controle no espaço compartilhado. Em diálogo com o ensino de Geografia, essa abordagem permite trabalhar conceitos como lugar, território e espaço, além de problematizar as desigualdades socioespaciais e as relações de poder presentes no cotidiano.

A partir dos trechos da música, o docente pode estimular os estudantes a refletirem sobre a casa, a rua e a cidade como espaços vivenciados de maneiras distintas, considerando questões como segurança, mobilidade, acesso a serviços e direito à cidade. Essa proposta também dialoga com Morais e Souza (2022), que discutem a abordagem de gênero no ensino de Geografia e suas possibilidades para a formação docente. Dessa forma, a música pode ser utilizada como recurso didático para aproximar os conteúdos geográficos da realidade social, incentivando uma leitura crítica das desigualdades e das experiências de violência contra as mulheres.

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

GÊNERO, PADRÕES SOCIAIS E EMANCIPAÇÃO FEMININA: “TRISTE, LOUCA OU MÁ”

A música “Triste, Louca ou Má”, composta por Juliana Strassacapa e interpretada pela banda Francisco, el Hombre, apresenta uma reflexão sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres e sobre a necessidade de romper com padrões culturais que procuram determinar como elas devem viver, se relacionar e construir suas identidades. Lançada em 2016, no álbum Soltas Bruxas, a canção aborda questões relacionadas à desigualdade de gênero, à autonomia feminina e à desconstrução de expectativas sociais impostas às mulheres.

A música apresenta a expressão “triste, louca ou má”, utilizada para representar os rótulos atribuídos à mulher que decide não seguir o padrão social idealizado para ela. A letra questiona a ideia de que uma mulher que recusa determinados padrões precisa necessariamente ser considerada inadequada, rebelde ou problemática. Além de apresentar como os julgamentos podem funcionar como uma forma de controle social, principalmente quando uma mulher decide romper com os estereótipos de gênero associados ao papel feminino.

Um dos principais pontos apresentados na música está relacionado à chamada “receita cultural”, que associa a mulher ao marido, à família e aos cuidados com a rotina. Esse trecho evidencia uma construção social na qual determinadas responsabilidades são apresentadas como se fossem naturalmente femininas. A mulher aparece, nesse modelo, como aquela que deve cuidar da casa, do marido e da família, muitas vezes, colocando suas próprias vontades e projetos em segundo plano. Sabe-se que em muitas realidades, desde a infância, as filhas acompanham suas mães nos afazeres domésticos, cuidado dos irmãos mais novos e das atividades domésticas e sua primeira oportunidade de emprego é em casas de família, cuidando da limpeza e cuidado de crianças, fatos que são tratados no trabalho de Barbosa; e Albuquerque (2025).

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

Um dos trechos mais marcantes da música aparece quando a personagem afirma que “um homem não te define”, “sua casa não te define” e “sua carne não te define”, concluindo que “você é seu próprio lar”. Essa passagem concentra uma das principais mensagens da canção: a identidade da mulher não deve depender do homem com quem se relaciona, do lugar onde mora ou de seu corpo. A mulher não pode ser reduzida a uma única característica ou função. Sua identidade é construída por diferentes dimensões de sua existência e, principalmente, por sua própria capacidade de fazer escolhas.

Ao afirmar que o homem não a define, a personagem reflete que sua existência não depende de sua condição de esposa, companheira ou mulher de alguém. Da mesma maneira, dizer que “sua casa não a define” significa questionar a associação da identidade feminina ao espaço doméstico, especialmente quando a mulher exerce os papéis de mãe e esposa. A casa constitui um espaço compartilhado por todos os membros da família e, portanto, as responsabilidades relacionadas à sua manutenção e aos cuidados com o ambiente doméstico devem ser compreendidas como tarefas coletivas, não atribuídas exclusivamente à mulher. E ao afirmar que “sua carne não te define” a personagem amplia essa reflexão para o próprio corpo. A mulher não deve ser reduzida à sua aparência, às características físicas ou à maneira como seu corpo é percebido socialmente. Ao finalizar a estrofe com a expressão “eu sou meu próprio lar”, ela representa a autonomia feminina. O lar deixa de ser entendido somente como um espaço físico e passa a representar a própria mulher, sua identidade, suas escolhas e sua capacidade de construir sua trajetória.

Em um mesmo direcionamento, destaca-se o trecho “ela desatinou/ desatou nós/ vai viver só”, que representa o rompimento com situações que mantinham a mulher presa a determinados padrões, relacionados às desigualdades, às expectativas sociais, às relações de dependência e a outras formas de limitação. Além disso, o trecho evidencia o empoderamento feminino ao valorizar a própria companhia e a possibilidade de se desvincular de ambientes e relações que lhe sejam prejudiciais, construindo uma vida pautada pela autonomia e pela liberdade de fazer suas próprias escolhas.

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

A letra reforça essa crítica quando apresenta a expressão "fêmea: alvo de caça, conformada vítima", rejeitando a representação da mulher como objeto ou como alguém que deve aceitar as condições que lhe são impostas. Quando diz: "queimar o mapa", "traçar de novo a estrada" e "a vida reinventar", representa a possibilidade de construir um caminho diferente daquele que já havia sido determinado socialmente. "Queimar o mapa" pode simbolizar o abandono de uma trajetória previamente estabelecida, enquanto "traçar de novo a estrada" representa a construção de novas possibilidades. Portanto, a música não apresenta somente uma mulher que rejeita padrões, apresenta uma mulher que passa a imaginar outras formas de viver e de construir sua identidade, num movimento que vai da reprodução de estereótipos de feminilidade à autonomia.

Esta música contribui para a reflexão sobre gênero, identidade, desigualdade e autonomia mostrando que muitas características atribuídas às mulheres são construções culturais e sociais. Sua principal mensagem está na possibilidade de questionar aquilo que é apresentado como natural e compreender que não existe uma única maneira de ser mulher. É possível estabelecer relações com o ensino de Geografia, à medida que compreende-se que o espaço geográfico é construído pela interação entre sujeitos e natureza, Cavalcanti, (2002). Essa perspectiva dialoga com BNCC, especialmente com a unidade temática "O sujeito e seu lugar no mundo", que aborda questões relacionadas à identidade, ao pertencimento e às relações sociais estabelecidas nos lugares de vivência BRASIL, (2018, p. 360).

Esta música pode ser utilizada como um recurso cultural pedagógico no ensino de Geografia ao favorecer a compreensão sobre as relações de gênero, os costumes e as expectativas sociais que influenciam as experiências individuais e coletivas. O docente pode propor distintas pautas, como por exemplo: quem realiza as tarefas domésticas? Como essas responsabilidades são divididas? Homens e mulheres possuem as mesmas possibilidades de participar das decisões familiares? Essas e outras perguntas norteadoras permitem relacionar as experiências dos estudantes à análise crítica das relações sociais presentes nos espaços cotidianos.

Várias possibilidades pedagógicas podem ser exploradas: elaboração de desenhos, relatos ou registros sobre os lugares que frequentam, identificando as

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

zISSN: 2358-8829

atividades realizadas nesses ambientes e as pessoas que costumam participar delas e partir desses registros, refletir sobre questões que transversalizam gênero; pesquisa sobre a divisão das responsabilidades domésticas e profissionais, utilizando dados estatísticos, notícias, entrevistas ou relatos sobre a realidade local; ou ainda, debates sobre acesso ao transporte, a iluminação das ruas, a segurança.

De diferentes maneiras esta música pode contribuir para mostrar que o espaço vivido é também o espaço construído por cada um, ao problematizar as desigualdades de gênero. Além disso, o uso desse recurso cultural favorece a construção do raciocínio geográfico e a formação cidadã, considerando conteúdos atitudinais e valorativos de respeito e cooperação às diferenças Cavalcanti, (2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das músicas “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares, e “Triste, Louca ou Má”, de Francisco, el Hombre, possibilitou compreender diferentes formas de representação das relações de gênero, das relações de poder e das experiências vivenciadas pelas mulheres. Embora apresentem perspectivas diferentes, ambas permitem problematizar situações relacionadas às desigualdades de gênero e às formas pelas quais essas relações interferem na construção das trajetórias e na vivência dos espaços geográficos.

Em “Maria da Vila Matilde”, evidenciou-se a representação da violência contra a mulher, da denúncia e do enfrentamento, enquanto “Triste, Louca ou Má” possibilitou discutir os padrões sociais atribuídos às mulheres, a autonomia e a construção de novas formas de viver e de se posicionar diante das expectativas sociais. Nesse sentido, a análise demonstrou que as produções musicais não se limitam à expressão artística, mas também podem constituir fontes para a problematização de questões sociais e espaciais.

A partir dessas análises, compreende-se que as músicas são recursos pedagógicos culturais potentes no ensino de Geografia, especialmente por permitirem estabelecer relações com as experiências cotidianas. O uso da música pode contribuir para ampliar as possibilidades de abordagem de questões sociais no ensino da

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

disciplina, aproximando os conteúdos geográficos de manifestações culturais presentes na vida dos estudantes. E essa relação entre conhecimento científico e experiência cotidiana é um dos pilares do ensino de Geografia Cavalcanti, (2002).

Palavras-chave: Gênero; Espaço geográfico; Violência contra a mulher; Ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Aline dos Santos.; ALBUQUERQUE, Nina Braga Cavalcante de. **Para cada desigualdade uma luta injusta: a voz de mulheres negras, empobrecidas e cariocas sobre suas carreiras**. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, e 2023-0154, 2025. Doi: https://doi.org/10.1590/1679-395120230154. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/RyzFyGbLpLsh3SswqQbNzQg/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR Acesso em: 27 set. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 out. 2026.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 25 out. 2026.

BRASIL. **Lei nº 15.384, de 9 de abril de 2026**. Altera as Leis nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, e 8.072, de 25 de julho de 1990, e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, para prever a violência vicária entre as formas de violência doméstica e familiar, criar o tipo penal do vicaricídio e incluí-lo no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF: Presidência da República, 2026. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2026/lei/l15384.htm. Acesso em: 25 out. 2026.

BRASIL. **Ministério das Mulheres. Ligue 180**: Central de Atendimento à Mulher. Brasília, DF: Ministério das Mulheres, [s. d.]. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/ligue180. Acesso em: 25 out. 2026.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora

FRANCISCO, EL HOMBRE. **Triste, louca ou má.** In: SOLTASBRUXA. São Paulo: Navegantes, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE. Acesso em: 8 nov. 2026.

GERMANO, Douglas. **Maria da Vila Matilde.** In: Elza Soares. In: SOARES, Elza. A mulher do fim do mundo. São Paulo: Circus, 2015. Álbum musical.

MACEDO, Cátia Oliveira; OLIVEIRA, Ana Cristina Freire de; SILVA, Sharlene Mougo. **O ensino da Geografia por entre letras e canções**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 10, n. 20, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i20.724.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: **uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDEIROS, Aline Lucia Nogueira; MARCATTO, Francieli Stival; FAGUNDES, Francielly Negri. **Didática da geografia.** 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2021. E-book.

MORAIS, Juliana Mendes de; SOUZA, Vanilton Camilo de. **A abordagem de gênero e o ensino de Geografia: possíveis diálogos com a formação de professores/as. Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 26, e20, 2022. DOI: https://doi.org/10.5902/2236499465813. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/65813. Acesso em: 25 out. 2026.

REIS, Maíra Lopes. **Estudos de gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 38, p. 11–34, 2015. DOI: 10.12957/espacoecultura.2015.29067.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SENADO FEDERAL. Instituto de Pesquisa DataSenado. **Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher: 2023**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023. Acesso em: 25 out. 2026.

SOARES Elza. **Maria da Vila Matilde**. YouTube, 12 jul. 2016. Disponível em: https://youtu.be/y6V8lL8xn7g . Acesso em: 29 out. 2026.

[1] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF jannekellycrispim23@gmail.com
[2] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF charmonny.augusto30@gmail.com
[3] Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba - UF josenildasilva447@gmail.com
4 Professora Orientadora